



ISSN 2318-5104 | e-ISSN 2318-5090

CADERNO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Physical Education and Sport Journal

[v. 16 | n. 1 | p. 57-67 | 2018]

RECEBIDO: 09-04-2018

APROVADO: 05-06-2018

ARTIGO ORIGINAL

DOSSIÊ LUTAS

Luta marajoara e memória: práticas “esquecidas” na educação física escolar em Soure-Marajó

*Marajoara fight and memory:
“forgotten” practices in physical education school in Soure-Marajó*

DOI: <http://dx.doi.org/10.36453/2318-5104.2018.v16.n1.p57>

Carlos Afonso Ferreira dos Santos, Rogério Gonçalves de Freitas

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir memória e esquecimento sobre o trato com o conhecimento da luta marajoara no contexto das aulas de educação física no município de Soure-Marajó. Realizou-se pesquisa de campo com nove professores atuantes em escolas desse município. Utilizou-se questionário semiestruturado para entrevistas com professores da disciplina Educação Física e fez-se análise de conteúdo como método para analisar dados obtidos. Os resultados revelaram que a maioria dos docentes não trata o conhecimento da luta marajoara em suas aulas. Todavia, a constatação não seguiu a linha de culpabilização didática dos professores, mas colocou acento em ordem maior como questões relativas à memória social, ao esquecimento histórico e à alienação do trabalho. Conclui-se a importância de resgatar culturalmente a luta Marajoara como conhecimento local e global para florescer seu valor heurístico no trato pedagógico nas aulas de educação física.

PALAVRAS-CHAVE: Luta marajoara; Memória; Educação Física.

ABSTRACT

This paper aims to discuss memory and forgetfulness about the treatment with the knowledge of the fight marajoara in the context of Physical Education classes in the municipality of Soure-Marajó. Field research was carried out with nine teachers working in schools in this municipality. A semi-structured questionnaire was used for interviews with teachers of physical education and content analysis was done as a method to analyze data obtained. The results revealed that most teachers do not deal with the knowledge of the Marajoara fight in their classes. However, the finding did not follow the line of culpability of teachers, but emphasized in greater order as issues related to social memory, historical forgetting and alienation of work. It concludes the importance of culturally rescuing the Marajoara fight as local and global knowledge to flourish its heuristic value in the pedagogical treatment in physical education classes.

KEYWORDS: Marajoara Fight; Memory; Physical Education.

INTRODUÇÃO

Cobiçada pela coroa portuguesa, conforme comenta Pacheco (2010), a transformação dos campos do Marajó¹ em produção econômica expressou o primeiro movimento de introdução, no século XVII, das primeiras cabeças de gado e primeiros negros africanos na região, os quais, juntamente aos índios nativos, compuseram a identidade marajoara do período.

Sob duro trabalho e confiados ao serviço como vaqueiros na criação de gado nessas terras, já a partir do século XVIII, compartilharam experiências, saberes, crenças e tradições. Provenientes desse contexto, pela criação e recriação de elementos socioculturais em um entrecruzamento de saberes e experiências em terras marajoaras, vaqueiros indígenas e negros fortemente constituíram práticas difundidas de geração em geração ao longo da história. Dentre estas, destaca-se a luta marajoara.

Desde o século XIX, período mais ou menos próximo ao movimento da Cabanagem² no Pará, a luta marajoara já se fazia presente nos campos do Marajó, como expressa Salles (2004) ao referir-se à luta como manifestação corporal praticada por vaqueiros, negros e mulatos. Como conteúdo legitimado na área da educação física, as lutas refletem o modo pelo qual se difunde a cultura de uma determinada sociedade. Fazem parte de um acervo histórico de práticas corporais que acompanharam o ser humano durante o tempo e podem ser tratadas pedagogicamente por revelarem importância histórica e social (RUFINO; DARIDO, 2012).

Todavia, esse panorama relativo às práticas corporais enfatizadas nas lutas como conteúdo da Educação Física revela importantes questões reflexivas sobre práticas “esquecidas” na própria comunidade de pertencimento. Isso se expressa na luta marajoara como conteúdo heurístico de prática pedagógica e conhecimento composto de uma gama imensurável de movimentos, técnicas e características (GOMES, 2008).

Em diálogo com o *framework* conceitual, destaca-se Maurice Halbwachs (1990) referindo-se a importância da memória em sua plena relação com as influências exercidas pela história. Esta última percebida como um quadro de transformações ocorridas em uma sociedade em determinado tempo, sendo este, por sua vez, a ordem pela qual os fenômenos da natureza e as etapas da vida social se encadeiam e se sucedem, respectivamente.

Pela evocação, seja por vontade ou por oportunidade de estados ou vivências anteriormente passadas, a memória não se reduz a uma consciência única e pessoal, de modo que seja de domínio comum a um ser e intrinsecamente reconhecida e recuperada individualmente por este (HALBWACHS, 1990).

Memória é sobretudo coletiva e se situa em forma de imagem. É comum a um grupo e direciona indivíduos ao comportamento para a evocação e a manutenção de lembranças impessoais e interessantes ao coletivo. A confiança na exatidão de uma lembrança evocada é maior quando do resgate de experiências vividas por várias pessoas.

Paralelo à memória, destaca-se o esquecimento. “Esquece-se” em função da necessidade do silêncio sobre um passado traumatizante (POLLAK, 1989), da influência da descontinuidade, na qual um grupo deixa de pensar e evocar lembranças sobre tal, ou do próprio interesse individual pelo corte de relação, isto é, pelo desligamento de determinado grupo (HALBWACHS, 1990).

Considerando os pressupostos relacionados à memória e ao esquecimento em dinâmicas sócio-históricas, o trabalho em tela concentra-se na reflexão sobre uma das práticas corporais mais antigas da região Norte do país, pouco lembrada fora da circunscrição específica da cotidianidade marajoara. A relevância deste artigo reside, talvez, na compreensão de que quase inexistem pesquisas ou reflexões que abordem essa temática específica em sua relação com a cultura e a prática pedagógica no campo da Educação Física escolar.

Nessa direção, o trabalho objetiva, de modo geral, discutir memória e esquecimento relacionados ao conhecimento da luta marajoara no contexto pedagógico da educação física em escolas de Soure-Pará, município marajoara. Para alcançar esse objetivo, evidenciou-se a investigação dos elementos de memória relativos à prática/vivência dessa luta pelos professores, bem como a análise dos motivos que justificam

¹ Situada na região norte do Brasil, no nordeste do estado do Pará e considerada a maior ilha fluviomarina do mundo (CRUZ, 1987).

² Movimento social e regional que explodiu em Belém do Pará durante o período regencial do Império no Brasil entre os anos 1835 e 1840, caracterizado como revolta armada popular e luta legítima contra a hegemonia do Estado que, durante anos, alijou as camadas populares do poder (RICCI, 2007).

a presença ou a ausência desse conteúdo no circuito pedagógico da escola do município e na prática dos docentes investigados.

MÉTODOS

A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada com nove professores de educação física atuantes em sete escolas municipais e uma estadual da cidade de Soure-Pará, região marajoara. Trata-se de cinco docentes do sexo feminino e quatro do sexo masculino.

Destaca-se a procedência local marajoara de oito dos professores, dado importante à análise do histórico cultural docente e de sua relação com a abordagem temática desta pesquisa. Os professores aceitaram participar do estudo mediante apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual apresentou com detalhes o objetivo da pesquisa.

Os professores entrevistados ministram aulas de educação física predominantemente no ensino fundamental (1º ao 9º ano), com exceção de uma docente de escola estadual, que ministra também aulas no ensino médio. Portanto, o critério utilizado para a escolha dos docentes baseou-se nos direcionamentos da Base Nacional Comum Curricular, que norteia a abordagem da unidade temática “Lutas na Educação Física” desde os anos iniciais do ensino fundamental, especialmente referindo-se ao trato das lutas de contexto comunitário e regional a partir do 3º ano e das lutas do Brasil a partir do 6º ano (BRASIL, 2016).

Nesse sentido, o critério avaliado para a inclusão das escolas na pesquisa abrangeu o trabalho com o referido nível de ensino, o que acarretou a exploração do número quase completo de escolas do município, com exceção de duas. Estando uma em situação de reforma, portanto, com ausência de aulas, e outra com o docente de licença.

A captura das informações dos sujeitos entrevistados deu-se por meio de entrevista com questionário semiestruturado e com registro recordatório em áudio, contendo três tipologias de perguntas relativas à investigação do trabalho: a) presença da luta marajoara e representação docente sobre seu trabalho e/ou possibilidades de trabalho com esse conteúdo em suas aulas; b) realidade da formação e condições para o trato do conhecimento do conteúdo lutas; c) memória e esquecimento como fatores subjetivos relacionados à prática pedagógica.

Para a análise dos dados, foi utilizada a perspectiva de Bardin (2011), técnica que analisa significados expressos em mensagens discursadas por sujeitos a partir da extração e da interpretação de seu conteúdo, além da análise correlacional, na qual, segundo Vala (2005), o pesquisador procura estabelecer relações e correlações com as variáveis a serem pesquisadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De modo a contemplar a discussão dos resultados, que centra a análise dos elementos memória e esquecimento referente ao trato com o conteúdo luta marajoara nas aulas de educação física, torna-se essencial apresentar a referida luta como manifestação da cultura local marajoara e apresentar suas características peculiares e sua importância histórica.

Luta marajoara: contexto histórico-cultural e características

De origem incerta, a luta marajoara, ou agarrada marajoara – princípio técnico da luta referente ao agarre enquanto ação de derrubada, projeção e controle do adversário no solo (ESPARTERO, 1999) –, demarca um contexto na região marajoara, sobretudo em função de sua presença como modalidade esportiva nos

espaços festivos, a exemplo da Festividade de São Sebastião³ e de eventos⁴ tradicionais de municípios da região ao revelar aspectos esportivos e tipicamente culturais.

É uma luta materializada e expressivamente típica da região marajoara. Manifesta-se também como atrativo turístico-cultural, em razão de sua expressão significar uma potencial opção de entretenimento (PARATUR, 2009) aos indivíduos visitantes da Ilha do Marajó.

Aliada à matriz histórica do homem do Marajó e presente no acervo cultural dessa região, pressuposto intrínseco às práticas de luta das diferentes civilizações no decorrer da história (GOMES, 2008), a luta marajoara possui características próprias e sistematizadas, pois assume que “cada luta possui sua natureza histórico-social” (NAKAMOTO, 2005, p. 13).

Uma dessas características refere-se aos espaços de luta, comumente realizadas em locais que denotam particularidades do Marajó, dentre os quais, praias e fazendas. Sua prática aponta para locais ambientados por elementos que favorecem o ato de “sujar” as costas do adversário: objetivo principal da luta. Estes são apropriados, especialmente, por se tratar de uma luta ocasionalmente geradora de índices grandes de lesões entre seus participantes, devido à presença de movimentos de derrubada abrupta. Portanto, locais de terrenos sólidos são espaços inadequados para sua prática.

Paralelamente, observam-se relações de semelhança no tocante ao objetivo principal e à execução sistematizada dos movimentos da luta marajoara com outros tipos de lutas na categoria de agarre existentes no mundo. Uma delas é a Galhofa, luta tradicional portuguesa, a qual consiste no embate corpo a corpo entre dois indivíduos em espaços de luta coberto de palha. Sua finalidade é obrigar a projeção do adversário de costas ou ombros no chão, se possível buscando sua imobilização durante alguns segundos (BRAGADA, 2017).

Essencial apontar, no aspecto relacionado à finalização do embate na Galhofa, uma diferença que atribui à luta marajoara singularidade: a decisão sobre a vitória na luta portuguesa é dificultada pelo fato de a palha impedir indícios claros sobre a projeção concreta das costas no chão, ao contrário da luta marajoara, a qual indiscutivelmente apresenta o vencedor do combate pela verificação da “sujeira” de areia ou lama presente nas costas do adversário.

Modalidade de luta presente nos Jogos Olímpicos, o Wrestling possui, igualmente, concretas semelhanças com a luta desenvolvida na região marajoara. Conforme a Confederação Brasileira de Wrestling (CBW), seja no estilo greco-romano, no qual se permite apenas a utilização do tronco e dos braços para defesa e ataque, seja em seu estilo livre, no qual, além do tronco e dos braços, permite-se o uso das pernas, o Wrestling objetiva o encostamento do oponente, ou seja, a imobilização deste de costas no solo.

A ausência de achados referentes à gênese e à constituição da luta marajoara não permite afirmar a proposição minuciosa e concreta sobre possíveis influências históricas que diversificadas lutas presentes em diferentes lugares do mundo poderiam ter exercido sobre ela. Contudo, inferem-se similitudes com essa luta em termos relacionados a seu tipo, seus movimentos característicos e suas finalidades, ao se considerar, segundo Gomes (2008), que a dinâmica interna e algumas técnicas tradicionais de cada modalidade de luta, por vezes, podem ser comuns a outras.

Enfatiza-se que a luta marajoara, em uma perspectiva de combate competitivo, possui regras específicas, como a relacionada à sua finalização e, como as demais modalidades de luta na categoria de agarre (ESPARTERO, 1999), abrange movimentos específicos de ação. Estes são tradicionais e criados em períodos determinados pelas condições históricas da vida marajoara.

Tais movimentos permitem uma dinamicidade no embate em função de, em sua atividade, o agarre, poder ocorrer livremente em distintas posições, de forma agachada ou em pé. Esta última posição demarca a fase inicial da luta marajoara até sua evolução no solo, ação semelhante à Galhofa (BRAGADA, 2017).

Quanto ao embate entre opositores na luta, destaca-se a criação de estratégias táticas e de técnicas

³ Manifestação cultural e religiosa realizada no município de Cachoeira do Arari – Ilha de Marajó. Conforme levantamento do Iphan (2010), envolve, além do repertório religioso, uma série de celebrações e atividades tradicionais, como o cortejo de mastros, a corrida de cavalo, além das competições de luta marajoara. Estas últimas, por sua vez, são vivenciadas por pessoas de todas as idades, incluindo crianças em manifestação de lazer e adultos em uma perspectiva de competição.

⁴ O 1º Festival de Cavalo Marajoara foi um evento realizado na cidade de Soure, capital da Ilha de Marajó, no ano de 2017, e teve como programação a ocorrência de modalidades esportivas tradicionais e não tradicionais da cultura marajoara, dentre elas, a corrida do cavalo marajoara, a corrida de búfalos, o basquete a cavalo e a luta marajoara. O evento surgiu com o objetivo de aliar, em um sentido de preservação, o esporte e as tradições culturais do Marajó, a exemplo da luta marajoara. Ver mais em: <<https://globoesporte.globo.com/pa/noticia/com-modalidades-inusitadas-soure-recebe-primeiro-festival-de-cavalo-marajoara.ghtml>>. Acessado em: 28 de maio de 2018.

presentes nos parâmetros assinalados por Garganta (1995): o fim da projeção do adversário, por intermédio da necessidade de encontro a meios alternativos de ataque, de modo a buscar partes do corpo de seu adversário viáveis para o agarre, e de defesa, ligada à tentativa de escape ao movimento de agarre de seu oponente.

Ressalta-se que tais ações, em perspectiva motora, nessa luta, bem como em outras do tipo agarre, são associadas à classificação de Henares (2000) por apresentarem categoria relacionada à “derrubada do adversário”, exibindo conseqüentes ações de desequilíbrio do adversário com ações dos membros, fixação deste no solo, e seu controle após derrubada.

Em perspectiva cultural, torna-se significativo relacionar a luta marajoara com um dos símbolos marcantes da Ilha do Marajó: o búfalo, animal marajoara. Tal relação existe, sobretudo no que confere às ações de ataque e resistência presentes nos confrontos entre búfalos na região, em suas relações com os movimentos característicos no embate corpo a corpo da luta. Em síntese, caracteriza-se por possuir princípios, conforme Gomes (2008), que a determinam condicionalmente, apontados por sistematização no Quadro 1, na qual se destacam especificidades da luta marajoara.

Quadro 1. Princípios condicionais da luta e sua aplicação na luta marajoara.

Princípios condicionais das lutas	Características básicas da luta marajoara
Contato proposital	Dá-se, predominantemente, por meio da ação de agarrada.
Fusão ataque e defesa	O ataque expressa a ação de desequilíbrio do adversário de modo a projetá-lo ao chão de costas, e a defesa, a ação de impedimento da agarrada.
Imprevisibilidade	Dá-se pela inesperada ação de movimentos do adversário. No caso da luta marajoara, a ação de agarrada advinda do oponente.
Oponente/alvo	Condição real acerca do lutador adversário na luta marajoara o qual se pretende dominar projetando ao chão de costas, sujando-as.
Regras	Derrubada do oponente de costas ao chão a partir do início em “pé casado”, espécie de rito que demarca a posição inicial na luta e seu reinício.

Fonte: Sistematização com base em Gomes (2008).

Reitera-se que a luta marajoara expressa técnicas culturais específicas enraizadas na cultura marajoara, especialmente na representação de símbolos caracterizadores dos costumes e heranças históricas da região, pois “cada modalidade carrega consigo sua história, origem, vestimenta, tradições e características que competem a cada manifestação de Luta” (GOMES, 2008, p. 44). Revela-se que a referida luta, como uma manifestação corporal produzida em determinado período na história, merece ser “lembrada”, individual ou coletivamente, no circuito pedagógico da escola.

Na compreensão de que o conteúdo das lutas faz parte das manifestações corporais humanas gestadas na dinâmica cultural e possui significados próprios, portanto, situados em determinados contextos grupais (LOPES; KERR, 2015), cabe à escola sua apreciação.

Luta marajoara e o trato pedagógico com seu conhecimento

Diante da primeira rodada referente à tipologia de questões aos sujeitos da pesquisa, perguntou-se aos entrevistados se a luta marajoara, manifestação corporal de relevante força cultural, está presente nas aulas de educação física. Constatou-se que, de nove professores, apenas dois afirmaram ter ministrado alguma atividade relacionada a essa luta. Referente aos últimos, perguntou-se como se manifestou o trato com o conhecimento da modalidade na escola.

A primeira professora (Prof^a. 1) destacou ter tratado o conhecimento da luta marajoara de modo unicamente conceitual. Ressaltou a existência de moradores (lutadores) da cidade que lutam fora do país e levam a luta marajoara para ser conhecida. Afirmou que não foi possível realizar a vivência da luta na prática, pois, mesmo que tenha participado de uma formação (sobre a referida luta), o preparo não foi suficiente para apropriar-se de habilidades práticas essenciais ao trabalho nas aulas.

O principal impedimento foi a ausência de suporte, conforme comenta a professora: “Deveria ter um instrutor para capacitar o trabalho organizado e seguro com a luta marajoara, pois alguns golpes podem machucar” (Prof^a. 1). Como produto da ausência de vivências práticas dessa modalidade, ocorre uma espécie de receio em relação ao trabalho pedagógico com conteúdos deslocados do controle docente. Como afirma Betti (1999), essencial é frisar a impossibilidade de domínio de conteúdo por todos os professores. Não obstante, isso não significa sua incapacidade de tratar do ensino de outras maneiras.

Ressaltaram-se, ainda, com a professora entrevistada, alguns motivos de ausência do trato com esse conhecimento no ambiente escolar, como, por exemplo, os limites da segurança: “Professor não tem muita segurança em trabalhar a luta marajoara pela falta de conhecimento prático dela” (Prof^a. 1). Sobre isso, apontou que o acesso à luta não é fácil, pois, no município, muitos professores não são formados em Educação Física, portanto, não possuem proximidade com a área e, tampouco, o manejo com questões teórico-metodológicas.

O segundo professor (Prof^o. 2) informou que ministrou a luta marajoara apenas em uma turma do 9º ano. Na ocasião, a classe realizou entrevista com dois lutadores, os quais demonstraram seus conhecimentos e noções de golpes simples e golpes proibidos (como a “enfincada” e o “boi laranja”). Assinalou, igualmente a docente anterior, que não evidenciou trabalho prático, pois não possui vivência dos movimentos nem dos golpes da luta. E afirmou que, na sua vida, teve apenas algumas vivências não sistematizadas.

Por fim, evidenciou sobre a avaliação da única vez que ministrou uma aula sobre luta marajoara com esses convidados. Mostrando que, em sua percepção, houve mobilização dos saberes sobre a luta por parte dos alunos, haja vista alguns se depararem com algo novo e ficarem admirados: “(...) de repente tiveram informações e pensaram: é isso que acontece?” (Prof^o. 2). Relatou que um aluno, ao ver um golpe, comentou “conheço esse golpe” e ficou admirado ao saber que conseguia realizá-lo.

Essa fotografia retratando o momento memorial de um aluno sobre a aula se conecta com as ideias de Halbwachs (1990) com relação à memória e ao espaço. O autor destaca que, no momento em que os grupos sociais se encontram na esfera de um espaço determinado – nesse caso, no espaço áulico –, o ambiente molda as percepções, as imagens e, conseqüentemente, os valores que se tem sobre uma determinada ideia ou realidade.

Ausência do conhecimento da luta marajoara: condições para o trabalho e reflexões para a sistematização pedagógica

Das respostas dos docentes que não trabalharam a luta marajoara nas aulas de educação física, alguns fatores foram selecionados de forma correlacional para reflexão. Convergiram-se nos seguintes argumentos relativos a pouca evidência da prática da luta no componente curricular:

1) Necessidade de contato com alguém praticante e conhecedor da luta marajoara em uma perspectiva de apresentação aos alunos de suas características, golpes e objetivos, haja vista os professores da região mostrarem-se pouco conhecedores dessa modalidade com vista a sua ação educativa. Essa ação alerta para a necessidade de contextualização e tematização da luta marajoara no campo escolar a partir do trabalho centrado em perspectivas que aliam elementos procedimentais da luta (o fazer) e dimensões históricas e culturais (o porquê de fazer), como destaca Lançanova (2007).

2) Desconhecimento dos docentes sobre a luta marajoara, desqualificando a perspectiva aliada à necessidade de apropriação dos elementos teóricos do conteúdo. Essa ausência torna-se mais preocupante por se tratar de docentes atuantes na região marajoara, espaço de influência da modalidade. A própria insuficiência ou ausência de produções científicas sobre a luta marajoara, pode ser fator de evidência marcante da inexpressividade dessa modalidade na escola.

3) A constatação da incipiência docente acerca da luta não perpassa unicamente noções conceituais, mas

também carência de vivências práticas como professores. Deve-se isso à decorrência da própria formação docente, a qual não deu conta de atender ao conhecimento concreto da luta marajoara e das lutas de um modo geral. Esse tipo de ação, segundo Del Vecchio e Franchini (2006), necessita de ampliação dos conhecimentos práticos dos futuros professores sobre a intervenção estratégica na profissão docente, de modo a atingir os objetivos da Educação Física.

A partir dos relatos, foi possível refletir sobre o universo escolar brasileiro. Desde 1939, o ensino das lutas está presente na organização curricular da Educação Física e, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s, contribui para a constituição do indivíduo, porque revela elementos culturais e sociais para o aprendizado (TRUSZ; NUNES, 2007).

Assim como a capoeira – manifestação cultural de raiz afro-brasileira de recente crescimento do framework teórico, destacada nos estudos de Campos (1990) e Accurso (1995) –, a luta marajoara, enquanto conteúdo escolar, carece de precisão crítica e sistemática no circuito pedagógico da escola. Seja em conjuntura local (região marajoara) ou global (trato pedagógico em outras esferas regionais).

Isso porque, uma vez estando presente na unidade temática “Lutas na Educação Física” (BRASIL, 2016), pode ser entendida como componente elementar de ensino nas escolas. Assim como outras lutas regionais genuínas do Brasil, a exemplo do huka-huka: luta tradicional indígena.

A produção científica em lutas no contexto da escola, ainda que existente, mostra-se insuficiente, como afirmam Rufino e Darido (2011), dada a sua importância no processo de ensino e aprendizagem. A necessidade de uma maior abordagem acadêmica desse conteúdo relaciona-se ao entendimento das lutas em proximidade com os princípios éticos educacionais. Mesmo que contemporaneamente, tais princípios, como reconhecimento, empatia, respeito e honestidade, revelem-se cada vez mais raros na sociedade. Logo, como afirma, Freitas (2007), cabe resgatá-los.

As lutas, enquanto conhecimento escolar, aliam-se ao pressuposto de Freitas (2007). Entretanto, seu trabalho na escola deve se basear na mediação de parâmetros teórico-metodológicos, pois, como salienta Santos Junior (2005), tal atitude associa-se à realização de um exame das relações entre educação, estrutura econômico-social e organização do trabalho pedagógico.

Os critérios para selecionar, organizar e sistematizar o conhecimento não surgem de maneira espontânea do processo de ensino e aprendizagem, mas sim como elementos de classe, de difusão de uma dada realidade defendida historicamente. Na escola capitalista, a teoria é deslocada da prática (FREITAS, 1995). Historicamente, o poder de classe impõe a ideia de primeiro saber a teoria, para depois aplicá-la à realidade: uma falsa dicotomia.

O movimento dos critérios para selecionar, organizar e sistematizar um determinado conhecimento parte da defesa crítica de concepção de homem e sociedade. Pode-se afirmar que o modelo da escola corresponde a determinadas funções de hierarquizar, controlar e formar os valores da sociedade. Segundo Freitas (1995, p. 80), tais valores foram integrados “com a forma que a escola assume enquanto instituição social”.

Partindo de concepções para a escolha de critérios inerentes ao trato com o conhecimento, destaca-se a seleção de alguns conteúdos em detrimento de outros hegemônicos no campo da Educação Física escolar (NASCIMENTO, 2008). Isso resulta, frequentemente, na fragmentação de conhecimento no trabalho pedagógico do professor.

Sua manifestação educativa frequentemente se expressa em fragmentação e precarização do trabalho. Desmoralização da carreira docente, baixa remuneração, poucas condições de trabalhos e ausência de efetiva formação e investimento na educação são elementos para refletir a insuficiência de prática pedagógica efetiva.

Somados a esses elementos apresentados, este trabalho destaca dois fatores de caráter subjetivo que ajudam no entendimento da quase ausência da modalidade luta marajoara no contexto escolar: memória e esquecimento. Importante situar um contexto no qual os fatores para a ausência desse conteúdo escolar se inserem na perspectiva da descontinuidade, conforme pressuposto de Halbwachs (1990), revelada pela destituição coletiva de docentes sobre lembranças íntimas vividas da luta, isto é, seu “esquecimento” e influências para o destrato com o conhecimento da modalidade em situação de aula.

Memória e esquecimento no trato com a luta marajoara

Neste último ponto, ressaltam-se memória e esquecimento como fatores subjetivos relacionados à prática pedagógica. Pela análise anterior, foi possível perceber uma restrição quanto à ação educativa da luta marajoara nas escolas de Soure. As impressões, os conhecimentos, os saberes ou as vivências inerentes à luta marajoara em contexto local pelos docentes por intermédio de suas lembranças produziu a seguinte formulação: quais resgates memoriais sobre a luta marajoara os sujeitos foram capazes de descrever? Assim, os extratos de memória docente sobre a luta marajoara apontam para três níveis de entendimento sobre memória (Quadro 2).

Quadro 2. Extratos de memória docente sobre a luta marajoara.

Níveis	Extratos de memória docente
Empíricos e de compartilhamento do saber	<p>Professor 1: “o que a gente escuta é que a luta marajoara surgiu de um pequeno passatempo dos vaqueiros, que eles terminavam o trabalho e iam tomar banho. E, lá, como a água, muitas das vezes era fria, eles se agarravam. Daí foi que surgiu a luta marajoara”.</p> <p>Professora 2: “quando começou, nas pequenas fazendas aqui de Soure, ela era tida como um momento de lazer entre os vaqueiros da fazenda, porque naqueles momentos era divertimento entre eles”.</p> <p>Professor 3: “o que a gente sabe é que os vaqueiros, depois que colocavam os gados pro curral, eles iam pra beira do rio e ali faziam disputas de luta marajoara, no banho”.</p>
Vivências práticas e passado	<p>Professor 1: “[...] os meus colegas, quando eu era rapaz, quando eu tinha uns 18, 19 anos... rapaz, a gente acabava a bola, a brincadeira deles era essa, se agarrarem... e eu sempre... ‘não rapaz não quero’. Eu me sentava.”</p> <p>Professor 5: “como eu vim de uma família que tem a tradição na pecuária, parentes vaqueiros, eu sempre tive esse contato com a luta, desde criança mesmo. Eu e meus primos, a gente sempre praticava essa luta, não na escola, mas em casa, nas fazendas...”</p>
Lembranças de eventos	<p>Professora 4: “a luta marajoara... eu sei o que a gente via ali na praia, aqui tinha muitos eventos, assim, e a gente ia...”</p> <p>Professora 7: “eu pelo menos nunca tive acesso de perto com a luta marajoara, apesar de conhecer... quando eu era criança, a gente via muito, na Exposição, que era a exposição agropecuária que tinha aqui, que hoje em dia a gente já não tem, tinha competição de luta marajoara, tinha muita coisa... nas férias de mês de julho, tinha competição de luta marajoara, era uma gincana com várias modalidades esportivas, então tinha as equipes, vinha gente de fora... e uma das competições era a luta marajoara. Hoje em dia é muito difícil você ver uma luta marajoara. Tanto que as nossas crianças hoje não têm conhecimento do que é... antes, as crianças aqui... elas tinham”.</p> <p>Professor 9: “aqui na região tem competição, às vezes, da agarrada marajoara. E vêm lutadores de vários lugares...”</p>

Os níveis sistematizados permitem desvelar algumas reflexões: em primeiro lugar, os docentes possuem memória individual, nos termos de Halbwachs (1990), sobre situações passadas ligadas à manifestação da luta marajoara. Seja pela troca de experiências sobre uma possível origem da luta, vivências práticas, seja apenas pela observação de embates entre outros indivíduos.

Relacionado às premissas salientadas pelo autor, infere-se que os professores mantêm lembranças passadas, resgatadas por evocação, sobre aspectos pessoais e vivenciais da luta. Nesse sentido, possuindo memória individual e, sobretudo, conseguindo evocá-las, apoiam-se em um passado vivido (HALBWACHS, 1990) e não em uma história escrita na qual não estiveram presentes.

Nessa perspectiva, considerou-se na entrevista o resgate memorial de elementos associativos às práticas da luta marajoara na região de pertencimento. Cumpre elencar níveis que reiteram as vivências com a prática, sobretudo, destacando a categoria referente às vivências práticas e ao passado. Esse elemento da vivência evidencia uma restrição constante ao trabalho pedagógico com o conhecimento das lutas na educação física escolar (NASCIMENTO; ALMEIDA 2007).

No contexto, como se pode observar, essa memória, em especial, evocada, bem como as outras destacadas, não foi suficiente à efetivação de práticas escolares, pois, desejavelmente, a categoria “vivência em luta” refletiria o trato com o conhecimento do professor na atuação profissional.

Aqui há duas reflexões. A primeira expressa que, mesmo havendo o reconhecimento docente da importância que a luta marajoara assume no contexto pedagógico no que tange à valorização da cultura marajoara (conhecimento da luta, sua forte manifestação no espaço territorial do Marajó e movimentos particulares de sua prática), não existe afinidade advinda de vivências mais precisas sobre a prática da luta, com exceção dos respondentes ao nível dois nos extratos memoriais.

A segunda mostra que, apesar do valor educativo que a luta marajoara tem, como já foi destacado anteriormente, o esquecimento, como elemento subjetivo, mas com importância objetiva, materializa-se justamente na ausência de práticas educativas sistematizadas pelos docentes. Tais fatores revelam o não reconhecimento de lembranças (HALBWACHS, 1990), as quais seriam significativas em sua relação com a organização do trabalho pedagógico em torno da luta marajoara. Conforme problematiza o autor, estar (ser) no presente pode significar a relação com coisas ou atividades pelas quais se mantêm interesse no momento, renegando outras do passado, das quais não se mantêm recordações vivas.

Em uma perspectiva coletiva docente, pode-se visualizar, dialogando com o sociólogo, o não pensamento e, especialmente, o caráter inexistente de possibilidades para reconstrução de imagens passadas em sua relação com o trato de certos conhecimentos, nesse caso, a luta marajoara. De certo, isso se relaciona com as influências diretas de ordens estabelecidas sob o trabalho com o conhecimento das práticas corporais no espaço escolar. E, conforme Nascimento (2008), coloca como exclusividade conteúdos mais hegemônicos nas aulas de educação física, a exemplo do esporte de rendimento, como Kunz (2006) vem destacando há anos, e a quase impossibilidade de alternativas mais ampliadas de práticas que ofereçam democraticamente outros conteúdos da Educação Física.

Sendo assim, os três níveis de entendimento sobre memória relatados pelos docentes colaboram para uma possível ampliação de práticas corporais “esquecidas” no conteúdo e no currículo das escolas. Chaves de resistência a esse aspecto relembram o diálogo com Halbwachs (1990), que enfatiza a necessidade de atentar ao passado vivido. Como o autor afirma, constitui-se de um quadro vivo e natural do pensamento, de modo a conservar e reencontrar imagens, lembranças remotas, as quais são elementos intrínsecos à materialização de práticas do presente e a resistir aos “esquecimentos” oferecidos por uma sociedade viciada em um futuro do porvir.

Por esse viés, a essencialidade da manutenção de lembranças coletivas da categoria docente em Educação Física, correlacionando ao pensamento de Halbwachs (1990), destaca a ideia real sobre a importância ao passado, mesmo que de forma individual, de modo que essa memória, agora histórica, resgate práticas corporais pouco evidenciadas no circuito escolar. Especialmente a da luta marajoara, reiterando seu valor pedagógico entre os fenômenos em Luta existentes nas dinâmicas corporais e culturais do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, a partir dos objetivos traçados, das questões colocadas e das discussões realizadas nas entrevistas, as possibilidades pedagógicas em contextos escolares, assim como aponta Lançanova (2006), devem ser reais na aprendizagem. Portanto, por meio de pesquisa, foi possível constatar uma interessante percepção de como os docentes manejam a tematização da luta marajoara em função de determinados fatores que restringem diretamente o trato com esse conhecimento, como a prática pedagógica, a formação e os elementos como memória e esquecimento.

As abordagens inerentes às possibilidades pedagógicas em torno da luta marajoara demarcam princípios

ligados à importância de visualizar o conteúdo de ensino dotado de valor social. Nesse sentido, aponta-se a necessidade de seu trabalho em contextos pedagógicos regionais específicos para compreender a manifestação da referida luta enquanto produção histórica e cultural marcada por elementos corporais significativos. Compreendida a importância de seu trato local, amplia-se, ademais, a importância da reflexão sobre essa luta em espaços pedagógicos globais, haja vista tratar-se de uma luta, ainda que de marcas históricas enraizadas em território marajoara, genuína do Brasil.

O investimento em educação e formação por parte do Estado e a observância de uma produção crítica da Educação Física, que se deu a partir dos anos 1980 na área, podem ser elementos que colaborem para o resgate da luta marajoara como conhecimento regional e global de valor heurístico para a Educação Física. Além (é claro) da produção de políticas públicas educativas. Por fim, admite-se que esta pesquisa é apenas uma lembrança de práticas pedagógicas “esquecidas”. E, devido às poucas pesquisas sobre a gênese da luta marajoara e suas possíveis influências históricas e similitudes com outras lutas em diferentes lugares do mundo, este estudo recomenda vivamente futuras investigações sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- ACCURSO, A. S. **Capoeira**: um instrumento de educação popular. Porto Alegre: Edição Independente, 1995.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 229 p.
- BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1999.
- BRAGADA, J. **Galhofa**: luta tradicional de Portugal. Amadora: Editora Leya Portugal (Edição digital), 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acessado em: 28 de maio de 2018.
- CAMPOS, H. **Capoeira na escola**. Salvador: Presscolor, 1990.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE WRESTLING. **Estilos olímpicos**. Disponível em: <<http://cbw.org.br/modalidades/estilos-olimpicos/>>. Acessado em: 28 de maio de 2018.
- CRUZ, M. E. M. **Marajó**: essa imensidão de ilha. São Paulo: M.E.M. Cruz, 1987.
- DEL VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. Lutas, artes marciais e esportes de combate: possibilidades, experiências e abordagens no currículo da educação física. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Orgs.). **Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006. p. 99-108.
- ESPARTERO, J. Aproximación histórico-conceptual a los deportes de lucha. In: VILLAMÓN, M. (Org.). **Introducción al judo**. Barcelona: Hispano Europea, 1999. p. 23-54.
- FREITAS, L. C. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 1995.
- FREITAS, F. M. C. **Judô**: ética e educação: em busca dos princípios perdidos. Vitória: EDUFES, 2007. 316 p.
- GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Orgs.). **O ensino dos jogos desportivos**. 2. ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.
- GOMES, M. S. P. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades**. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HENARES, D. A. **Deportes de lucha**. Barcelona: Inde Publicaciones, 2000.
- IPHAN. Inventário Nacional de Referências Culturais. **Dossiê das Festividades de São Sebastião na Mesorregião do Marajó**. Belém: IPHAN, 2010.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

- LANÇANOVA, J. E. S. **Lutas na educação física escolar: alternativas pedagógicas**. 2006. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade da Região da Campanha, Alegrete, 2006. Disponível em: <https://sites.google.com/site/lutasescolar/lutas_na_educ_fis_escolar.pdf>. Acessado em: 28 de maio de 2018.
- LOPES, R. G. B.; KERR, T. O. O ensino das lutas na educação física escolar: uma experiência no ensino fundamental. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 262-79, 2015.
- NAKAMOTO, H. O. **Luta: elementos para uma compreensão sistêmica**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000360059> Acessado em: 28 de maio de 2018.
- NASCIMENTO, P. R. B. Organização e trato pedagógico do conteúdo de lutas na educação física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 20, n. 31, p. 36-49, 2008.
- NASCIMENTO, P. R. B.; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na educação física escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 91-110, 2007.
- PACHECO, A. S. As áfricas nos Marajós: visões, fugas e redes de contatos. In: SCHAAN, D. P.; MARTINS, C. P. (Orgs.). **Muito além dos campos: arqueologia e história na amazônia marajoara**. Belém: Gknoronha, 2010. p. 33-71.
- PARATUR. Ministério do Turismo. **Resumo Executivo do Polo Marajó – PA**. Belém: Empresa Expansão Gestão em Educação e Eventos, 2009. 46 p.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RICCI, M. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 5-30, 2007.
- RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. A produção científica em pedagogia do esporte: análise de alguns periódicos nacionais. **Conexões**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 110-32, 2011.
- RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 283-300, 2012.
- SALLES, V. O negro na formação da sociedade paraense: textos reunidos. Belém: Paka-Tatu, 2004.
- SANTOS JUNIOR, C. L. **A formação de professores em educação física: a mediação dos parâmetros teórico-metodológicos**. 2005. 194f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- TRUSZ, R. A.; NUNES, A. V. A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 179-204, 2007.
- VALA, J. Análise de Conteúdo. In: SANTOS SILVA, A.; PINTO, J. M. (Orgs.). **Metodologia em ciências sociais**. 13. ed. Porto Alegre: Afrontamento, 2005. p. 101-28.

Autor correspondente: **Carlos Afonso Ferreira dos Santos**

E-mail: afonso.fersantos@gmail.com

Recebido: **09 de abril de 2018**.

Aceito: **05 de junho de 2018**.